

Dessencialização do conceito de cultura no microcosmo das torcidas organizadas: complexidades e construções representativas na torcida organizada Raça Rubro-Negra (1977-1985)

Desessentialization of the concept of culture in the microcosm of organized supporters' groups: complexities and representative constructions in Raça Rubro-Negra (1977-1985)

Juliana Nascimento da Silva

 <https://orcid.org/0000-0001-7890-1288>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar e identificar as contribuições da História Cultural para a pesquisa em torcidas organizadas. Tendo como suporte teórico os conceitos de representação e prática, o artigo busca analisar o processo de construção dos elementos representativos da torcida organizada Raça Rubro-Negra, fundada em 1977 sob o pressuposto de renovar o formato de torcer. A análise das complexidades e dos distintos parâmetros de sociabilidades no microcosmo torcedor foi amparada pela pesquisa em periódicos e nos discursos de componentes da agremiação sobre seus signos, que foram escolhidos a partir de uma lógica distintiva. Desse modo, a construção da *forma-representação* do referido agrupamento torcedor está em diálogo não apenas com os componentes internos, mas com lógicas de distinção nos relacionamentos próprios do microcosmo. A dilatação do conceito de cultura, dessa forma, evidencia as distintas práticas de agentes sociais e as complexidades na relação dinâmica entre representação e recepção.

Palavras-chave: História Cultural. Torcidas organizadas. Raça Rubro-Negra.

Abstract: This article aims to analyze and identify the contributions of Cultural History to research on organized fans. Having as theoretical support the concepts of representation and practice, the article seeks to analyze the process of construction of the representative elements of the Raça Rubro-Negra, founded in 1977 under the assumption of renewing the format of cheering. The analysis of the complexities and distinct parameters of sociabilities in the fan microcosm was supported by research in periodicals and in the speeches of the members of the organization about their signs, which were chosen based on a distinctive logic. Therefore, the construction of the representation-form of the football fan group is in dialogue not only with the internal components, but also with the logic of distinction in the relationships inherent to the microcosm. The dilatation of the concept of culture, thus, evidences the distinct practices of social agents and the complexities in the dynamic relationship between representation and reception.

Keywords: Cultural History. Organized supporters' groups. Raça Rubro-Negra.

Introdução

A pesquisa acadêmica sobre torcidas organizadas é tributária do processo de expansão dos objetos da História, que ofereceu possibilidades, reflexões, debates e



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

metodologias tanto para o campo do futebol quanto para suas possíveis ramificações. As transformações na historiografia incidiram no alargamento de temas e fontes passíveis de pesquisa, bem como instituíram novos parâmetros analíticos. A História Cultural, por sua vez, fez emergir novos conceitos e noções que contribuíram para a complexificação das abordagens.

Desse modo, o presente artigo busca articular a trajetória da historiografia, focalizando as potencialidades oferecidas pela História Cultural, com a pesquisa acadêmica sobre torcidas organizadas enquanto objeto para a análise de múltiplos processos sociais, mas principalmente pela complexidade do próprio campo. Isto posto, a construção dos parâmetros representativos da torcida organizada Raça Rubro-Negra são analisados e trabalhados de forma a expor as possibilidades de complexificação do objeto por meio da noção de representação.

Incorporação do cotidiano e História Cultural

Atribuída por Roger Chartier (1990) como um dos pilares da chamada História Cultural, a noção de representação, aliada à de prática, permeia a construção deste artigo. As possibilidades geradas a partir deste recente campo historiográfico alicerçam o modo de construção da pesquisa, viabilizada pela expansão do conceito de cultura, anteriormente restrito ao tradicionalismo e à produção oficial.

O alargamento das possibilidades de pesquisa abordadas pela História, embora encontre um dilatamento do conceito de cultura no campo da História Cultural, remete a momentos anteriores: aos debates entre História e Teoria Social – discussão abordada por Peter Burke (2012), e aos Anais de História Social e Econômica, expoente oposição à historiografia tradicional de Ranke. A incorporação para além da esfera política centrada nos grandes homens e eventos, considerada contingente, inferiu no alargamento das temáticas da História – ou fuga de seus paroquialismos, pautada na prerrogativa de análise das mudanças pelo viés estrutural, incidindo nas perspectivas quantitativas, de longa-duração e serial.

Entretanto, a partir da década de 1970 novos paradigmas são criados ao serem questionadas as abordagens de cunho estruturalista e essencialista. As prerrogativas sobre a concepção de contexto se deslocam de uma perspectiva dada, como Jacques Revel (2010) aponta, para a compreensão de que é construído através das dinâmicas sociais. Esse processo de alteração de paradigmas é explícito quando Roger Chartier, no prefácio da obra, analisa “A sociedade de corte” de Norbert Elias (1995), quando advoga em prol da compreensão da sociedade a partir de redes de dependências recíprocas.

No entanto, o giro cultural da década de 1970, marcado pela emergência da micro-história italiana, da Virada Linguística e também de um giro subjetivo cuja dimensão das emoções do indivíduo são incorporadas, tem suas bases rastreadas na década de 1960, principalmente pelas contribuições de E.P. Thompson (1987), quem demarca o rompimento com o marxismo bidimensional, termo utilizado por Julia O’Donnel e Leonardo Affonso Miranda Pereira (2016). Esse momento da historiografia, denominada enquanto “História vista de baixo”, concentra-se no questionamento da validade única das temáticas passíveis de serialização, como aponta Carlo Ginzburg (1990), e demanda a inserção também do indivíduo.

É nesse sentido que a perspectiva da história política se altera: a proposição da História vista de baixo reivindica o estudo dos homens comuns em seu cotidiano e se refere às práticas e vivências das camadas populares, produtoras de seus significados – e de suas

representações, construídos a partir de experiências polissêmicas, desassociada da noção vertical de classe, centrada unicamente no prisma econômico. Roger Chartier, ao realizar menção ao momento da historiografia marcado pela demanda de reorganização e reflexão sobre seus métodos e práticas, analisa tal questão:

Uma tal clivagem atravessou profundamente a história, mas também as outras ciências sociais como a sociologia ou a etnologia, opondo abordagens estruturalistas e procedimentos fenomenológicos, as primeiras trabalhando em grande escala sobre as posições e as relações dos diferentes grupos, muitas vezes identificadas a classes, os segundos privilegiando o estudo dos valores e dos comportamentos de comunidade mais restritas, muitas vezes tidos como homogêneos (CHARTIER, 1991, p. 183)

A alusão ao debate historiográfico referente à contestação do ímpeto totalizante da abordagem estruturalista, “um problema de escala”, segundo Giovanni Levi (2017), representante da micro-história italiana, não se reduz ao estremecimento dos métodos até então consolidados no âmbito da História. O autor francês faz referência a uma proposta de ruptura também no campo das ciências sociais, chamadas por Peter Burke de Teoria Social. A circunstância de ambas as áreas, que mesmo vizinhas não eram convergentes quanto às prerrogativas, é corolário justamente das críticas estabelecidas por cada uma. O “diálogo de surdos”, nos termos de Burke, entre História e Teoria Social angariou a reformulação de objetos, métodos e perspectivas, tornando suas fronteiras cada vez mais fluidas e seus diálogos cada vez mais intensos.

O afastamento da proposta globalizante do estruturalismo e a tendência à escala micro, aliadas à incorporação das camadas populares e à inclusão do indivíduo a partir do giro subjetivo da década de 1970, exponenciam o alargamento do campo de possibilidades da História, pautado na concepção do sujeito enquanto ator social inserido numa rede de interdependências recíprocas e como elaborador de seus próprios símbolos, significados e estratégias. A esfera cotidiana ganha relevo nesse sentido, palco ininterrupto de suas atuações sociais, onde se percebem representações, estabelecimento de relações e tensões, estratégias e resistências, experiências cujos significados são atribuídos para além das ideias dadas de classe.

A expansão das temáticas exploradas pela historiografia resvala no conceito e no entendimento da natureza do político. As mutações emergidas do processo de reformulação de objetos e práticas da História, no intento de analisar os grupos sociais, passaram a dialogar menos com uma abordagem sociologizante, no sentido de homogeneizar as práticas de um grupo social, e mais com a concepção de redes de relações recíprocas, nas quais o indivíduo cumpre um papel social. A extensão desse diálogo para a percepção da natureza do político, dessa maneira, é expandida para além do cunho institucional e oficial.

Logo, as práticas vislumbradas no âmbito do cotidiano são identificadas enquanto atos políticos, cujos impactos na socialidade do grupo são constatados e percebidos. Sob o viés da reformulação de conceitos e da reflexão das análises sociais, a Teoria Social, incluindo a Antropologia, reexamina seus pilares na busca pela desnaturalização do entendimento das culturas. As críticas ao estruturalismo e às lógicas de coerência generalizadas são ponto de partida para as críticas realizadas pelo antropólogo norueguês Friedrich Barth em “O guru, o iniciador e outras variações antropológicas”, onde propõe investigação das sociedades pelo prisma das diversidades e incoerências enquanto elementos compostos pela formatação atribuída pelas agências dos atores sociais

envolvidos. A partir dessa lógica, o autor aponta para a produção de significados e posicionamentos na percepção do modo de relação entre indivíduos e fragmentos de cultura:

A singela questão que gostaria de destacar já deve estar bastante evidente: uma abordagem honesta que respeite o que se pode constatar do que acontece entre as pessoas no norte de Bali sugere que nenhum truque invocando estruturas profundas ou alguma outra interpretação fácil pode reduzir esses fenômenos a uma “Cultura” homogeneizada e unitária por meio da destilação e generalização de quaisquer regularidades que se consiga reconhecer nas expressões institucionalizadas. As pessoas participam de universos de discurso múltiplos, mais ou menos discrepantes; constroem mundos diferentes, parciais e simultâneos, nos quais se movimentam. A construção cultural que fazem da realidade não surge de uma única fonte e não é monolítica. (BARTH, 2000, p. 122 e 123)

Dessa forma, Barth faz a defesa da descrição das distintas interpretações e construções de realidade para alcançar um horizonte de compreensão mais estendido. Os apontamentos do antropólogo reforçam a ideia da dinâmica das relações sociais, ainda que inseridas em um mesmo grupo. Ou seja, o intento proposto para a superação – ou um afastamento – das bases sistêmica e única de análise da Antropologia no que diz respeito às comunidades está intrinsecamente ligado com o entendimento de que indivíduos e comunidades não estão isentos de influências externas ou de sincretismos, mas sim inseridos em um esquema de dinâmica social com trocas sociais intensas. O processo de dessencialização da cultura, por sua vez, está atrelado à percepção da polissemia resultante das produções criativas dos indivíduos, modo de interpretar as práticas de grupos sociais para além das representações institucionalizadas.

A interlocução entre História e Teoria Social abriu espaço para a dilatação do conceito de cultura, cujo motor rastreia da percepção dos significados plurais possíveis de serem identificados e formulados dentro de uma comunidade, ainda que evidencie uma série de incoerências. Estas, por sua vez, reafirmam a complexidade das relações e das criações simbólicas, elementos fundamentais que desaguam em duas noções alicerces da presente pesquisa: a simbiose entre representação e prática.

As perspectivas de alargamentos do conceito de cultura estiveram em consonância com os debates que delinearão a consolidação do campo nas pesquisas acadêmicas. Estes estiveram alicerçados na perspectiva do futebol enquanto prática significativa das múltiplas “esferas da vida social” (DAMATTA, 1982) e enquanto veículo de narrativas construídas e passíveis de interpretação sociológica. A Sociologia do Futebol, por sua vez, impulsionou o entendimento do futebol enquanto esporte moderno tendo como pré-requisito a compreensão da relação intrínseca entre a referida prática esportiva com as dramatizações sociais na vida cotidiana (HELAL, 1990).

Mais que mero objeto de estudo, o futebol se faz presente nas trajetórias individuais e coletivas, demarcando uma presença conjunta na vivência da sociedade. Portanto, torna-se matriz de análise não apenas de sua prática, mas da extrapolação de seus significados, das suas representações, e das relações construídas em torno e a partir do esporte. Desse modo, o entendimento do futebol enquanto drama social ofereceu possibilidades de pesquisa acadêmica também no microcosmo das torcidas organizadas, potencializando a análise de suas complexidades e atuações sociais.

Dilatação do conceito de cultura e os modos de fazer de torcedores organizados

O surgimento das Torcidas Jovens no final da década de 1960 e início dos anos 1970 demarca uma oposição. Fruto de dissidências internas, afastamento dos grandes líderes da torcida e, principalmente, de uma guinada à mobilização, no sentido de haver possibilidade de contestação de dirigentes e jogadores, as Torcidas Jovens expõem a transição de um modo de torcer *carnavalizado*, protagonizado pelas torcidas tradicionais vinculadas aos clubes, como a Charanga Rubro-Negra de Jaime de Carvalho, para um processo de burocratização de sua organização (HOLLANDA, 2010). Desse modo, as figuras de reconhecida liderança são rejeitadas em prol de uma coletivização do torcer. Em diálogo com a conjuntura efervescente dos anos 1960, as Torcidas Jovens angariam a possibilidade de realização de críticas aos profissionais do clube para o qual se torce, para além do apoio vindo das arquibancadas (DAMO, 2005; TOLEDO, 2000).

Ancoradas em símbolos, esse modo de torcer inaugurado pelas Torcidas Jovens e levado à cabo por outras agremiações torcedoras posteriores, ainda que não utilizem a denominação “Jovem” – caso inclusive da Raça Rubro-Negra, torcida organizada vinculada ao Clube de Regatas do Flamengo –, foi cimentado na constituição da conduta torcedora referente à agremiação, que é significada através da construção de suas representações (DA CÂMARA TEIXEIRA, 2003).

A formatação dos elementos constitutivos do aparato simbólico das torcidas organizadas é utilizada de modo a afirmar – e reafirmar – a identidade coletiva da agremiação, reiterando uma espécie de padrão torcedor da associação. A utilização das marcas identitárias, vislumbradas em camisas, escudos e cores, remete ao intuito de construir uma representação torcedora e, ao estabelecer identificação própria e coesão grupal, demarcar sua distinção e seu espaço.

A relação com a representação reivindicada pelas torcidas organizadas, no entanto, não pode ser concebida por uma perspectiva homogênea. Os usos de seu conjunto simbólico no intento de demarcar sua identidade – ou distinção – requer um olhar mais plural sobre suas práticas. De acordo com Luiz Henrique de Toledo (1996), o prisma de análise em relação ao futebol deve considerar sua perspectiva relacional, que envolve torcida, o referido esporte e sociedade. Assim, atribui-se às associações torcedoras a dinâmica do estabelecimento de suas representações, vinculadas às suas práticas. Isto é, o formato de sua identidade não é estático: busca-se estabelecer representações de acordo com o universo no qual se está inserido, identificando seus interesses para a atribuição de seus valores.

A forma de representação de uma torcida organizada no microcosmo das agremiações torcedoras não é equivalente às demandas discursivas e representativas para a esfera macro do esporte e da sociedade, nem mesmo tem a apropriação das mesmas prerrogativas. As formulações variam de acordo com os interesses pensados na relação com cada esfera. Tais explicações reiteram a necessidade de complexificação das análises sobre agrupamentos torcedores para o rompimento de estigmatizações rasas sobre tais comunidades que, por sua vez, são polissêmicas e evidenciam a cultura torcedora enquanto prática dinâmica e hábil de ressignificações constantes.

É nesse sentido que o campo da História Cultural oferece grande contribuição teórica e analítica para a pesquisa das torcidas organizadas. A extensão do conceito de cultura, para além do universo da elite, oriunda da inserção de novos temas à historiografia, expandiu também o horizonte de significados referentes ao termo. Ao recuperar Georges

Duby, José D'Assunção Barros (2005) propõe uma ampliação na definição do autor francês sobre o modo de análise da História Cultural: “A História Cultural enfoca não apenas os mecanismos de produção dos objetos culturais, como também os seus mecanismos de recepção (e já vimos que, de um modo ou de outro, a recepção é também uma forma de produção)” (BARROS, 2005, p. 128).

Indagar as formas de produção da própria cultura, bem como as recepções da mesma, é processo que, promovido pelos atores sociais da trama, atravessa a fronteira estática de identificação de uma mentalidade essencial e homogênea constitutiva de comunidades. O reconhecimento da cultura enquanto conceito alargado e produzido por grupos sociais demanda perspectivas que estejam vinculadas à pluralidade de significados, à dinâmica, bem como às incoerências e tensões internas. A relação entre as múltiplas significações em culturas plurais com as formas de produção cultural e suas recepções são bem analisadas por José D'Assunção Barros:

Para além disto, a tendência nas ciências humanas de hoje é muito mais a de falar em uma “pluralidade de culturas” do que em uma única cultura tomada de forma generalizada. Em nosso caso, como estamos empregando a noção de História Cultural como relativa a um dos enfoques possíveis para o historiador que se depara com uma realidade social a ser decifrada, utilizaremos em algumas ocasiões a expressão empregada no singular (“cultura”) como ordenadora desta dimensão complexa da vida humana. Trata-se, no entanto, de uma dimensão múltipla, plural, complexa, que pode gerar diversas aproximações diferenciadas. (BARROS, 2005, p. 129)

É no diálogo com essa asserção que mobilizo dois termos caros à História Cultural, reiterada por Roger Chartier (1991), para pensar os “modos de ver” e “modos de fazer” (CERTEAU, 2009) do Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra: representação e prática.

A mobilização de símbolos que compõem a identidade e conduta de uma torcida organizada é feita de modo livre, calcadas nos interesses representativos em um cenário relacional. A interação entre representações e práticas, produtora constante de novos objetos culturais, é dinamizada dependendo de sua interlocução. Dito isso, a cultura de arquibancada deve ser passada para o plural, uma vez em que as agremiações estabelecem ações, logo, novas representações, de acordo com o cenário no qual se está estabelecido, em que uma série de culturas distintas são identificadas.

A utilização da torcida organizada de futebol Raça Rubro-Negra como objeto de pesquisa justifica-se a partir da ideia da concomitância festa-guerra da agremiação, ainda que não necessariamente se dê de modo equilibrado. Tendo na festa sua categoria nativa, rastreada em 1977, ano de sua fundação, a maior torcida organizada do Clube de Regatas do Flamengo, a partir da década de 1980, exponenciado na década de 1990, defronta-se com outro momento de recepção de suas representações: a abordagem midiática relacionada à violência entre torcedores organizados ganha maior visibilidade, tendo como extensão sua estigmatização num plano mais abrangente. O impacto desse processo é a tomada, por esferas externas ao mundo das torcidas organizadas, da violência enquanto identidade única da associação, quando se averigua a mobilização de um discurso da antinomia festa-guerra.

No entanto, há de se atentar para o que José D'Assunção Barros mobiliza para tratar da simbiose entre representações e práticas: o trato com a cultura não se atém aos mecanismos produtores de objetos culturais, mas também às recepções dessas culturas,

que se transformam e ressignificam, produzindo novas. Essa cadeia de reconstruções simbólicas deve estar no horizonte das análises no processo de pesquisa das sociedades, uma vez que não elencada incorre nos perigos da construção de possibilidades de identificação de símbolos únicos. Desse modo, o exame das culturas precisa considerar suas contradições, bem como as tensões e seus conflitos, pois são esses elementos dinâmicos que adicionam à composição de seu universo seus sentidos mais próprios de ser e existir.

Ainda sobre os cuidados com as abordagens representativas, Roger Chartier faz referência a duas formas, supostamente opostas, sobre a noção de representação: a representação ausente e a representação da presença. Representar-se através da presença remete à construção de símbolos, sejam eles discursivamente reivindicados ou constituídos por meio de suas práticas. A apresentação pública de um grupo ou indivíduo, e pensando aqui na torcida organizada Raça Rubro-Negra, tem em suas bases a conformação de signos cotejados aos seus interesses e às expectativas de recepção.

Isso quer dizer que a disposição de elementos nas arquibancadas, por exemplo, almeja construir uma imagem sobre tal torcida, tanto em uma lógica interna quanto para o público. O arranjo grupal objetiva uma interlocução fundamentada nos princípios de sua torcida: a escolha de cores, o ritmo dos cânticos de alento ao time – ou de autorreferência –, a utilização de elementos festivos, como bandeiras. Essa demanda representativa, vislumbrada em suas práticas, é ancorada na “ideologia” – termo aqui utilizado em sua perspectiva alargada – nativa da torcida. No entanto, é peremptório não reduzir às práticas aparentes as análises sobre a estruturação dos grupos, ainda que se identifique uma ideologia, pois as características dentro de um universo onde sociabilidades são fundamentos basilares são diversas.

Os perigos da tomada de “signos visíveis como índices seguros de uma realidade” (CHARTIER, 1991, p. 186) são mais evidenciados no trato das representações ausente. Baseada na presença de um objeto ausente, ou seja, na utilização de uma parte pelo todo, a representação ausente, quando é amparo para uma análise, oferece riscos à melhor decifração do objeto de pesquisa, por identificar em um fragmento de cultura não um componente, mas a mentalidade total de uma sociedade. Isto posto, as possibilidades avultadas pelas formas de representação reiteram a urgência do rompimento com perspectivas herméticas e totalizantes, tal como apontado por Chartier no seguinte trecho:

É sem dúvida essa atenção dada às “formalidades das práticas” (segundo a expressão de Michel de Certeau), do lado da produção ou do da recepção, que mais prejudicou uma maneira clássica de escrever a história das mentalidades. Em primeiro lugar, obrigando-a a considerar os discursos em seus próprios dispositivos, suas articulações retóricas ou narrativas, suas estratégias de persuasão ou de demonstração. Os agenciamentos discursivos e as categorias que os fundam – como os sistemas de classificação, os critérios de recorte, os modos de representações – não se reduzem absolutamente às idéias que enunciam ou aos temas que contêm. Possuem sua lógica própria – e uma lógica que pode muito bem ser contraditória, em seus efeitos, com a letra da mensagem. Segunda exigência: tratar os discursos em sua descontinuidade e sua discordância. Durante muito tempo, pareceu fácil o caminho que levava a concluir a partir da análise temática de um conjunto de textos a caracterização de uma “mentalidade” (ou de uma “visão do mundo” ou de uma “ideologia”), e depois fazia passar desta última a uma consignação social unívoca. (CHARTIER, 1991, p. 187)

Orientador das práticas e das representações, os discursos de conduta de uma torcida organizada, dessa forma, devem ser situados e não assimilados enquanto invariantes. Há demandas nas práticas discursivas de uma organização torcedora e, desse modo, a identificação de seus interlocutores é fundamental. No microcosmo torcedor, a escolha de símbolos caracterizantes da agremiação compõe um aparato distintivo atrelado aos valores desejados de exposição. Desse modo, impor os atributos significativos que estruturam e solidificam – sem tornar estática – a ideologia condutora do grupo tem como objetivo afirmar sua marca distintiva, de maneira a impor seus interesses, seus territórios e sua superioridade categórica, em quaisquer situações competitivas.

Sob o mesmo aspecto competitivo, na tentativa de angariar visibilidade para a categoria festiva de suas práticas, as torcidas organizadas formulam e dinamizam suas acepções ao se expor para um mundo estendido, em diálogo com os meios de comunicação e com a sociedade mais ampla.

A polissemia rastreada na cultura torcedora, que devemos entender em sua pluralidade, evidencia o aspecto para o qual Roger Chartier chama atenção ao versar sobre a interação entre representação e prática: o poder. Os elementos distintivos, calcados nas construções discursivas, emanam as diferentes formas e engenhosidades exercidas tanto para moldar, de acordo com seus interesses, suas representações, mas também para a recepção das mesmas. Assim, D'Assunção Barros explana a relação estabelecida percebida na obra de Chartier entre os termos basilares da História Cultural e o poder:

As representações - acrescenta Chartier - inserem-se “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”; em outras palavras, são produzidas aqui verdadeiras “lutas de representações” (CHARTIER, 1990, p. 17). E estas lutas geram inúmeras “apropriações” possíveis das representações, de acordo com os interesses sociais, com as imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano. Estamos aqui bem longe do modelo de História da Cultura proposto por Huizinga. O modelo cultural de Chartier é claramente atravessado pela noção de “poder” (o que, de certa forma, faz dele também um modelo de História Política). (BARROS, 2005, p. 139)

As lógicas de poder anunciadas por Chartier atravessam a relação entre as categorias que aqui se referem à Raça Rubro-Negra: festa e guerra, sendo a última manejada pelos meios de comunicação na construção e no reforço do estigma, mas também enquanto prática de distinção entre as torcidas organizadas. Tendo sua recepção na sociedade alterada pelo estigma da violência – processo que alcança as torcidas organizadas num geral –, tal aspecto passou a ser vislumbrado enquanto identidade única da agremiação torcedora. No entanto, a partir dos debates apresentados, a complexificação do entendimento das formas de produzir cultura e representações tornam as fronteiras entre tais categorias fluidas e possibilitam a incorporação das incoerências na assimilação de seu universo de signos, que compõem sua ideologia e coesão.

Construindo uma torcida: torcer “à Raça Rubro-Negra”

Espécie de maestro da torcida rubro-negra entre os anos de 1930 e 1970, a figura de Jaime de Carvalho sobressai quando se trata de liderança torcedora, formação de torcidas organizadas no Rio de Janeiro e processo de disciplinarização nos estádios. À época do Duelo de Torcidas organizado pelo jornalista Mário Filho, dono do Jornal dos Sports, Jaime

de Carvalho, ainda sem a fundação da Charanga Rubro-Negra, mostrava sua liderança de modo compatível com a “esfera disciplinar e a esfera festiva” (HOLLANDA, 2012, p. 101) objetivada a partir da tentativa de disciplinarização das torcidas.

O ensejo dado por Mário Filho e pelo Jornal dos Sports na década de 1930, que volta a se repetir nos idos de 1950, evidencia a busca pelo embelezamento da torcida em detrimento do comportamento conflituoso e contendor, tendo como base as alegorias festivas utilizadas nos Desfiles das Escolas de Samba. Encadeada pela trajetória de Jaime de Carvalho, cuja representação extravasou os limites da torcida do Clube de Regatas do Flamengo, sendo elencado torcedor-símbolo e representante do selecionado brasileiro, em 1942 surge a primeira torcida organizada do Rio de Janeiro, em consonância com a eclosão de agrupamentos torcedores em São Paulo, designados torcidas uniformizadas, sob o aspecto da *carnavalização* (HOLLANDA, 2012).

Estabelecida nos anos iniciais da década de 1940, a Charanga Rubro-Negra, sob o comando do líder Jaime de Carvalho, atesta afinção com as autoridades, bem como com Mário Filho, quando da popularização do futebol. A crescente adesão do público às partidas do esporte recém-profissionalizado, incrementadas pela construção de estádios de dimensões maiores, como o Pacaembu, em 1940, e o Maracanã, em 1950, exponenciou a preocupação das autoridades no que se refere ao comportamento dos torcedores nas praças esportivas. Os campeonatos de torcidas organizados por Mário Filho são corolários dessa aflição, e a postura de Jaime de Carvalho evidencia a atenção dada à questão ao coordenar e incentivar uma conduta pacífica entre os torcedores, cujo mote era a disciplinarização dos mesmos. Essa questão fica mais palpável quando Bernardo Buarque de Hollanda relaciona os procedimentos do torcedor-símbolo com as ações das autoridades:

Em 1950, a preocupação em projetar a imagem de um país cordato fez com que as autoridades delegassem a Jaime de Carvalho boa parte da responsabilidade na orientação dos torcedores. Os organizadores vislumbravam a importância de um chefe de torcida que auxiliasse o trabalho do chefe de polícia no comportamento dos espectadores. Uma campanha desenvolvida pela imprensa ressaltava a inconveniência do arremesso de objetos no gramado, do emprego de palavrões e recomendava a chegada antecipada, a fim de evitar tumultos no acesso às tribunas. Com este intuito, os meios de comunicação davam inteiro aval à Charanga, sob o patrocínio de uma loja de roupas a anunciar suas atividades, seus preparativos e suas surpresas para os dias de jogo. (HOLLANDA, 2012, p. 104)

A então torcida organizada, que era a única representante de seu clube, assentada em uma conduta disciplinada e ao mesmo tempo festiva, tinha como princípio o apoio incondicional, proveniente da abnegação e da lógica amadorística, a partir de seu modo de torcer fundamentado em seus instrumentos musicais. Constituída por torcedores aproximados das estruturas do clube, como Jaime de Carvalho, cuja trajetória se inicia ao se tornar associado (HOLLANDA, 2012, p. 102), o modelo da Charanga Rubro-Negra estava isento da formulação de críticas aos quadros profissionais do Flamengo, seja jogador ou dirigente.

A hegemonia da liderança de Jaime de Carvalho, bem como das demais torcidas representantes e seus chefes dos outros clubes, no entanto, passa a ser acometida por um discurso de ruptura.

No seio da emergência das torcidas dissidentes aparece com mais veemência dois tipos de justificativas: o gradual e constante afastamento das lideranças das torcidas e a

demanda pela contestação irrestrita. Os signos da disciplina levados a cabo pelos líderes passam a ser refutados, de onde é rastreada a contenda em relação aos modos de torcer. Mais que uma simples insatisfação, o dissabor percebido no final da década de 1960 tem a ver com a dramatização de um “conflito de gerações”, como apontado por Buarque de Hollanda (2012), que recupera Michel Foucault para apontar ainda para uma disputa de “micropoderes” vivenciadas nos estádios.

A crise representativa a respeito da forma do torcer pertencente à estrutura da *carnavalização*, atrelada à disciplina, remete à conjuntura vivenciada tanto no âmbito nacional quanto no internacional. As manifestações sociais ocorridas nos anos 1960, cujo maior fervor é percebido em sua segunda metade, o protagonismo da juventude anuncia a sua capacidade mobilizadora e transformadora de ação. Os protestos vivenciados no Brasil, principalmente em 1968, em um cenário constituído pelo autoritarismo, assimilaram à juventude, vislumbrada nos estudantes, a competência do direito de expressão. Na esfera internacional, de modo aproximado, percebe-se tanto no Movimento Hippie quanto no Maio Francês o mote contestatório da juventude.

Sem querer transpor indiscriminadamente os processos vivenciados aqui apontados, é perceptível a consonância do discurso da ruptura, que dá origem às torcidas dissidentes, com o incremento dos simbolismos das mesmas, que passam a utilizar a alcunha “Jovem” em sua identificação. Dessa forma, o reconhecimento de suas demandas nas práticas de tais manifestações passa a orientar não só a conduta dos novos agrupamentos, como também a constituição de seu aparato simbólico. A Charanga Rubro-Negra, que era a única torcida organizada do Flamengo, depara-se com a formação de um novo agrupamento em 1967, fruto de sua ala jovem, que em 1969 adota Torcida Jovem do Flamengo como nome. Percebe-se, desse modo, o processo de transformação da *carnavalização* em *juvenilização* (HOLLANDA, 2012) no âmago do cosmo torcedor.

Conjunto simbólico e engajamento torcedor

O engajamento torcedor é vivido de modo polissêmico, cujos signos são atribuídos por uma experiência de fidelidade idiossincrática, logo, variante. A relação clubística constitui diferentes formas de adesão, de modo que torcer e pertencer a um sistema simbólico, segundo Arlei Damo (2005), não possuem o mesmo significado.

O vínculo estabelecido entre torcedores de futebol e os clubes para os quais torcem, quando vislumbrado pela perspectiva do engajamento, requer um investimento afetivo de modo a incorporar os sistemas simbólicos que o representa. Assim, o elo estabelecido entre clube e torcedor extrapola as fronteiras esportivas, perpetuando-se nos demais segmentos da vida cotidiana. A filiação à uma entidade futebolística demanda um processo de identificação, de onde se rastreia a adoção de tais sistemas, cujo corolário são as representações de si. Ao analisar as possibilidades de mobilização social no que se refere ao futebol, Arlei Damo elenca o pertencimento clubístico como mote da sobrepujança das práticas torcedoras – vinculadas às suas representações –, para a sociedade, numa perspectiva ampliada, onde novamente se reconfiguram e transformam as representações.

O estabelecimento do vínculo afetivo com uma comunidade clubística pela lógica do pertencimento ordena a adesão aos símbolos, arranjados dentro de um sistema, de tal instituição, que passam a gerir e compor suas representações, bem como suas práticas. A utilização de cores, indumentárias e mascotes são elencadas dentro da composição do universo simbólico, cujo resultado é a transmutação do indivíduo à pessoa (DAMO, 2005; TOLEDO, 1997b). Tornar-se torcedor visceral de um clube requer esse investimento

simbólico e afetivo, em que é adicionado à identidade as características que o constituem enquanto pertencente àquele sistema. Logo, os modos de torcer são vinculados a uma noção coletiva de um cosmo repleto de significados e afinidades, melhor identificados quando Damo diz:

O vínculo clubístico que serve de mola propulsora ao futebol como espetáculo não se caracteriza por uma adesão *ad hoc*. Em tempo devido, será destacado o processo de transição de indivíduo à pessoa operado a partir da adesão ao clubístico. Não se trata, porém, de enfatizar as narrativas torcedoras a este respeito, mas antes de uma argumentação teórica mostrando as razões pelas quais esta transição é necessária ao clubismo. O vínculo *ad infinitum*, para a qual sugerirei algumas hipóteses que atestam os empréstimos do clubismo em relação a outros sistemas simbólicos, é fundamental para que o clubismo funcione a pleno, o que só será possível de ser demonstrado a partir de uma compreensão semiológica. Dessa forma, é o sistema de pertenças quem sugere e mesmo constringe determinadas atitudes. Se você ama o Inter, dirá o sistema, você não apenas o ama acima de todos os outros clubes, senão que odeia o Grêmio. É importante estar atento ao fato de que tornar-se colorado implica, pois, na adesão a um universo de regras de afinidades e de evitações pré-estabelecidas, tanto quanto sugerem ser as adesões a outras coletividades. (DAMO, 2005, p. 70)

Recuperando a ideia de totemismo moderno, Damo denomina o sistema de significados enquanto clubismo. As representações, articuladas sob a ótica de sistema, são identificadas e performadas a partir da escolha de símbolos, entendidos pela lógica do totemismo enquanto totens, como os animais mascotes dos grandes clubes do Rio de Janeiro. No mundo futebolístico, tais totens são determinados e operam a partir de um modelo diacrítico, caracterizando representações próprias de distinção, percebidas como capital simbólico. O ângulo relacional, explicitado por Damo, aponta para a adesão não só de sistemas de pertença, mas também de afastamentos. Assim, reconhecer os elementos constitutivos de suas práticas e representações submete a identificação daquilo de que se deve distinguir e negar, concebendo à pessoa torcedora a experimentação densa de múltiplos significados.

Forma-representação da torcida organizada Raça Rubro-Negra

Na esteira da eclosão das Torcidas Jovens, dissidentes das primeiras agremiações torcedoras da década de 1940, em 1977 é fundado o Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra, em 24 de abril, que passa a compor o microcosmo das torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo.

Fundada sob o pressuposto de renovar e inflamar a forma de torcer, considerada desgastada, mesmo com a existência de outras agremiações torcedoras, das quais se originou a Raça Rubro-Negra, os irmãos Claudio e Cesar Cruz incorporaram ao seu discurso uma crise também no microcosmo torcedor rubro-negro. Frequentador de estádio desde seus onze anos de idade quando, junto a seu irmão, produzia pipas para vender e, assim, adquirir ingressos para as partidas, Claudio Cruz inicia sua aproximação com torcidas organizadas quando de sua mudança para Engenho de Dentro. Na esfera torcedora, o ambiente do estádio é vislumbrado enquanto território, onde suas disputas simbólicas ocorrem, desde o local onde se instalam até à disputa pela extensão e quantidade de faixas. Dessa forma, a magnitude de uma torcida organizada é também considerada um capital

simbólico.

Dito isso, para além da quantidade de associados que uma torcida organizada constitui, a presença de não-adeptos, mas que se aproximam da agremiação no estádio, importa ao grupo, reiterando uma possível superioridade, mas também àquele que oferece sua presença, por se incluir, de algum modo, naquele universo simbólico. Inicialmente sentados próximos à Charanga Rubro-Negra, os irmãos Claudio e Cesar Cruz também se aproximaram da Flamante, no entanto, sem a filiação. Apenas nos primeiros anos da década de 1970 que se tornam associados da Flamor, fundada por Vera Lúcia, torcida da qual não eram protagonistas, mas em que tinham relevância.

O rompimento com a Flamor, de onde Claudio Cruz foi coordenador de bandeiras, ocorreu em 1976, quando, em uma partida na Bahia, em que Claudio não estava, um desentendimento com a fundadora da torcida incentivou a saída dos dois irmãos, bem como de outros membros.

Embora fundada em 1977, o projeto de torcida, encorajada por pessoas próximas de Claudio Cruz que gostariam de continuar ligados a uma agremiação torcedora, já estava em formulação desde o ano anterior:

Foi a paixão pelo Flamengo. Antes eu participava da Flamor, mas decidi sair porque não combinava comigo. Eu gostava de torcer de verdade, gritar, cantar, pular. E na Flamor era tudo mais calmo. Decidi criar uma torcida de apaixonados. Nós colocávamos faixas nos estádios dizendo “Vem aí o maior movimento de torcidas”. Era marketing e eu nem sabia. Seis meses depois, surgiu a Raça. (EXAME, 2018)

A declaração do fundador da Raça Rubro-Negra aponta para uma estratégia de consolidação da torcida, antes mesmo de seu aparecimento, em meio a um cenário onde inúmeras agremiações torcedoras emergiram. No final da década de 1970, novos padrões (HOLLANDA, 2010) de sociabilidade e rivalidade entre torcidas organizadas passaram a existir, através da fusão e dissociação entre elas. As motivações para a criação de torcidas organizadas nesse momento, geralmente efêmeras, variavam, sendo as relações de bairro as justificativas mais evidentes. Em dezembro de 1976, na coluna Bate Bola, seção do *Jornal dos Sports* dedicada à interlocução torcedora, a réplica de uma torcedora rubro-negra a um vascaíno evidencia a quantidade de torcidas existentes à época:

Querido Renato, você citar que o Vasco possui o maior número de facções de torcidas organizadas do Brasil, só pode ser piada. Você citou 17 facções. Mas você esqueceu que o Clube de Regatas do Flamengo possui 79, que eu saiba, pois como você, tive o prazer de pesquisar. Aqui vão os nomes delas: Charanga, Torcida Jovem, Torcida Organizada, Ipamengo, Força Mengo, Flachopp, Flasil, Flatuante, Flamante, Flacopa, Fla-Ramos, Fla-Madura, Flaxiense, Flajour, Flagrante, Flamaior, Flageral, Flanáctica, Flamor, Flacamarote, Flaroflafla, Flamilha, Fla-Fla, Força Jovem, Tijufla, Renafila, Flavorita, Budafla, Flarioca, Flanta, Flamaraca, Flaméier, Flantástica, Fiel-Fla, Fla-Verdade, Belflaroxo, Flamizade, Flacentro, Flaleme, Flaguel, Maracamengo, Flatabu, Flamirim, Beijafila, Flaiguaçu, Flameriquinha, Flabangu, Flatuba, Flameriti, Flasilíia, Flatilde, Inflamável, Flapop, Flamanga, Flamar, Flagretão, Flaponte, Flagel, Flario, Flacinante, Flapovo, Flajobim, Flapenha, Flanésia, Flacaxias, Flacampo, Flaranjeiras, Iacoad, Fla-árabe, Flaquita, Zicofila, Pequenos Rubro-Negros, Flamosa, Flasil, Flamerinda, Inha-Fla, Flacoin, Flaminante, e a Flaquintinos, que vocês imitaram. Talvez

ainda falte alguma, pois ainda estou pesquisando. E agora, você ainda acha que as facções do Vasco são maiores? Renato, aprenda a pesquisar para depois então, falar, ok? Abraços em todos, e em especial aos flamenguistas, e desculpe-me se omiti alguns nomes”. (Tânia Mara – RJ) (JORNAL DOS SPORTS, 1976)

Assim, antes de se colocarem nas arquibancadas, os fundadores da Raça formularam uma estratégia de cativação de membros: uma espécie de marketing. Desde finais do ano de 1976, foram espalhados cartazes ao redor e nas dependências do Maracanã, nos dias anteriores aos jogos, anunciando a chegada do que seria a então torcida, sem mencionar o que viria a ser. A ideia de instigar a curiosidade dos torcedores auxiliava na difusão de tal proposta, além de afastar a preocupação com uma possível efemeridade da agremiação. No sítio eletrônico da Raça Rubro-Negra, no item “História”, os componentes da torcida evidenciam tal demanda discursiva:

Em um período aproximado de 06 meses após o afastamento de ambos, uma onda de propaganda que envolvia desde cartazes espalhados pelo Maracanã até anúncio em rádio e pequenas notas nos jornais da época, anunciavam que estava prestes a surgir O MAIOR MOVIMENTO DE TORCIDAS DO BRASIL. Todos se perguntavam: o que seria isso? Quem estava por trás de tudo? Seria mesmo um movimento consistente ou mais uma dentre as dezenas de torcidas que surgiam e desapareciam algumas rodadas após sua fundação?

O objetivo de caminhar na contramão das novas torcidas organizadas, que se findavam após pouco tempo, estava calcado na intenção de estabelecer um modo de torcer inflamado e vinculado a novas perspectivas para a festa torcedora. Na coluna Bate Bola, seção do Jornal dos Sports dedicada à interlocução torcedora, em dezembro de 1976, esses dois cenários se coadunam, evidenciando tanto o discurso sobre uma transformação na arquibancada rubro-negra a partir do surgimento da Raça, quanto o número extenso de agremiações torcedoras do Clube de Regatas do Flamengo.

Embora o elevado número de agremiações constitua, pela perspectiva ampliada para a torcida do Flamengo, para além dos agrupamentos torcedores, um dispositivo distintivo, no discurso dos fundadores da Raça Rubro-Negra o cenário se mostra de outra forma, como se estivesse desgastado. Poucos dias antes das publicações mostradas acima, novamente era veiculado na coluna Bate-Bola do Jornal dos Sports o discurso de um movimento que reacenderia a chama de uma torcida enfraquecida:

Há algum tempo, a torcida do Flamengo precisa reviver os tempos áureos de maior e também melhor torcida do Brasil. Sabedores dessa necessidade é que nós torcedores de amor, fibra e muita raça rubro-negra, estamos organizando aquele que já, na presente data, é o maior movimento de torcidas do Brasil. O grupo que se propõe a reativar esse vulcão, chamado torcida do Flamengo, é um grupo realmente fortíssimo. Composto por rubro-negros do mais alto nível de amor às suas tradições. A idéia está lançada. O movimento está nas ruas, e dentro em breve estará nas arquibancadas fazendo com que os antigos rubro-negros revivam o prazer de serem os maiores e também os melhores. Fará, também, com que aqueles que ainda não viram, tenham o prazer de vê-la linda, magistral e, que é mais importante, rubro-negra dos pés à cabeça. Ela realmente está chegando. 77 será o ano “D”. Vem aí a Raça Rubro-Negra (o maior movimento de torcidas do Brasil). Aguardem. (Lúcio da Cruz – RJ). (Jornal dos Sports, 1976)

A idealização da Raça Rubro-Negra por seus organizadores extravasa suas próprias fronteiras. Em um tom de enaltecimento, o impacto vislumbrado por Cláudio e César Cruz sobre a fundação da então torcida seria grande a ponto de revolucionar o torcer de toda a torcida rubro-negra. Para tanto, o método forjado para a fundação do que seria o maior movimento de torcidas do Brasil foi além do “marketing” nos meses anteriores e alcançou sua presença física nas arquibancadas. Recuperando as representações próprias do clube, o universo simbólico da Raça Rubro-Negra é revestido de ideais de força, presença, disposição e movimento.

Os elementos que constituem o conjunto da Raça, por outro lado, derivam, em parte, da relação de oposição com a Torcida Jovem do Flamengo, torcida organizada que também é vinculado ao Clube de Regatas do Flamengo. Essa particularidade, muito bem abordada por Rodrigo Monteiro (2003), teve como corolário momentos de enfrentamento entre as agremiações, em que componentes da Raça Rubro-Negra designam a reativação da Torcida Jovem do Flamengo como fruto de sua fundação. Nesse sentido, além das rivalidades postas entre torcidas de clubes rivais, os dois agrupamentos rubro-negros também se revestem com a oposição, ainda que muitas vezes esteja mascarada no discurso.

Da indumentária ao seu nome, os signos presentes foram escolhidos de modo a compor de forma coesa sua identidade, representação e memória. Assim, a escolha do termo “Raça” está vinculada à expectativa de preenchimento da torcida organizada com valores consonantes com os do clube. A opção pela cor vermelha, por sua vez, remete à proposta de distinção das demais torcidas, que utilizavam o preto e o vermelho, cores do Flamengo, como forma de identificação. Preocupados com uma estética diacrítica, o vermelho, sugerido por um funcionário de agência de marketing, simbolizaria, ao mesmo tempo, o vínculo com o clube e a sua identidade, cujas representações têm a ver com movimento e força, características presentes no corpo de bombeiros.

A atenção dada aos componentes identitários da torcida explicitam o mote transformador do agrupamento, cujo objetivo é a constituição, calcada nas noções de representação, prática e performance, de sua *forma-representação* estendida a toda a torcida de seu clube. Desse modo, percebe-se nos discursos de seus componentes o intento de consolidar a Raça enquanto uma torcida de ruptura com um formato de torcer anterior. No sítio eletrônico da agremiação, na narração de sua história, o exagero é elencado na narrativa enquanto uma característica inerente:

A RAÇA RUBRO-NEGRA transformou o ‘frio’ ato de torcer em uma questão de sobrevivência, torcer pelo FLAMENGO deixava de ser opcional e transformava-se na razão de viver daquela geração que não parava de crescer. Sentar na arquibancada e ficar de pé apenas nos ataques mais perigosos, fazia parte do passado. Aquele grupo começava a ditar conceitos e revolucionar seu espaço, assistia aos 90 minutos de pé e o apoio limitado transformava-se em ininterrupto. As loucuras que esse MOVIMENTO fazia pelo FLAMENGO, deixavam de ser apenas na esfera da postura e começava a ultrapassar limites até então inimagináveis. Uma dessas demonstrações de amor e entrega, foi a compra de uma produção inteira da fábrica do Papel Higiênico Carioca, marca muito conhecida na época. Diversas carretas contendo milhares de rolos deste papel, deram a vida a maior ‘chuva’ que o Maracanã conheceu. O espetáculo visual chamou a atenção de todos e emocionou outros tantos que se abraçavam comemorando o feito como se um gol de placa fosse.

Considerações finais

A construção das representações das torcidas organizadas é um processo imbuído de complexidades e estratégias. A dinâmica interna da lógica relacional do microcosmo das agremiações torcedoras intensifica os significados da constituição do conjunto simbólico de cada agrupamento. A busca pela distinção evidencia a complexidade de tal processo, uma vez que as categorias elencadas nos discursos dos componentes da Raça Rubro-Negra não operam de modo isolado e são utilizadas não só a partir de sua própria administração, a depender da interlocução e de seus interesses, mas também por outrem. Além disso, a análise dos discursos e do manejo da representação da torcida expõe os interesses da agremiação e do intento de comunicação com outros agrupamentos, mas também com a sociedade de forma mais ampla.

Desse modo, o alargamento das possibilidades de pesquisa abordadas pela História, bem como o dilatamento do conceito de cultura no campo da História Cultural, ofereceu não apenas a possibilidade de pesquisa sobre torcidas organizadas, mas também impulsionou parâmetros de análise complexos e potentes. Assim, a Raça Rubro-Negra enquanto objeto expõe a relevância do campo tanto na interlocução com os processos sociais, mas também com o reconhecimento da agência de seus atores.

Fontes

LEVI, Giovanni. O pequeno, o grande e o pequeno: Entrevista com Giovanni Levi. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 37, n. 74, p. 157-182, jan. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882017000100157&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 de maio 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique de. "Short Cuts": histórias de jovens, futebol e condutas de risco. *Revista Brasileira de Educação (ANPED)*. Rio de Janeiro, nº 6/7, Dossiê Juventude, 1997, p. 209-221.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo, 2000. 322p, Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação (ANPEd)*, vol. 15, n. 45, 2010, p. 434-444.

Referências

BARROS, José D'Assunção. História cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BARTH, Fredrik; LASK, Tomke. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, vol. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- DA CÂMARA TEIXEIRA, Rosana. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2003.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 19-42.
- DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Porto Alegre, 2005. 435p. Tese de doutorado. UFRGS/PPGAS.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade da corte*. Lisboa: Estampa, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *Raízes de um paradigma indiciário: mito, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MALAIA, João Manuel Casquinha, TOLEDO, Luiz Henrique de, MELO, Victor Andrade (org.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 86-121.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- MONTEIRO, Rodrigo. *Torcer, lutar, ao inimigo massacrar, Raça Rubro-Negra!:* uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.
- THOMPSON, Edward. P. *A formação da classe operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Notas de autoria

Juliana Nascimento da Silva é mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisa torcidas organizadas e suas relações com o Brasil Contemporâneo. E-mail: ns.juliana95@gmail.com

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

SILVA, Juliana Nascimento da. Dessencialização do conceito de cultura no microcosmo das torcidas organizadas: complexidades e construções representativas na torcida organizada Raça Rubro-Negra (1977-1985). *Sæculum – Revista de História*, v. 27, n. 46, p. 178-194, 2022.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY 4.0](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 14/07/2021.

Modificações solicitadas em 03/12/2021.

Aprovado em 29/12/2021.